

SESSÕES DO PLENÁRIO

29ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 18 de agosto de 2023.

PRESIDENTE: DEPUTADO ROBINSON ALMEIDA (AD HOC)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Bom dia a todos, todas e todes.

Declaro aberta a sessão especial em homenagem aos trabalhadores e trabalhadoras em telecomunicações da Bahia, proposta pelo nosso mandato.

Convido para compor a Mesa o Sr. Joselito Emanuel Conceição Ferreira, presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Telecomunicações da Bahia - Sinttel; o Il.^{mo} Sr. Augusto Vasconcelos, vereador da cidade de Salvador, querido amigo; a Sr.^a Daiane Reis dos Santos, chefe do Setor de Mediação da Superintendência Regional do Trabalho do Ministério do Trabalho; a Sr.^a Diana Damasceno, diretora de Formação do Sindicato dos Trabalhadores em Telecomunicações da Bahia (Sinttel); a Sr.^a Renata de Souza Oliveira Matos, superintendente da Contax, poderosa Renata; o Sr. Alielson Santos Alves, diretor do Sindicato dos Trabalhadores em Telecomunicações do Estado da Bahia - Sinttel Feira de Santana e representante do segmento LGBTQIAPN+. (Palmas)

Neste momento, em posição de respeito, ouviremos a execução do nosso Hino Nacional.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Bom dia, mais uma vez, a todos e a todas.

Eu não poderia começar esta sessão especial sem render uma homenagem a uma liderança quilombola muito importante aqui, na Bahia; D. Maria Bernadete Pacífico, brutalmente assassinada na noite de ontem. Então, eu peço a todos para, em homenagem à sua história e à memória, a gente registrar aqui 1 minuto de silêncio.

(Procede-se 1 minuto de silêncio.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): A líder quilombola Maria Bernardete Pacífico, conhecida como mãe Bernadete, foi assassinada na noite de quinta-feira, dentro do quilombo Pitanga dos Palmares, localizado no município de Simões Filho, na Região Metropolitana de Salvador. Ela era dirigente da Conaq - **Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas**, que se manifestou com a seguinte nota, que eu passo a ler: (lê) “...Mãe Bernadete, agora silenciada, era uma luz brilhante na luta contra a discriminação, o racismo e a marginalização. Atuava na linha de frente para solucionar o caso do assassinato do seu filho Binho e bravamente enfrentou todas adversidades que uma mãe preta pode enfrentar na busca por justiça e na defesa da memória e da dignidade de seu filho. Nessa luta, com coragem, desafiou o sistema e, como tantas mulheres, colocou seu corpo e sua voz na defesa de uma causa com a qual

tinha um compromisso inabalável. Sua voz ressoava não apenas nas reuniões e eventos, mas também nos corações daqueles que acreditavam na mudança.”

Mãe Bernadete, presente! Mãe Bernadete, presente! Mãe Bernadete, presente hoje e sempre. (Palmas)

Quero convidar para compor a Mesa a Sr.^a Mônica Aragão, defensora pública, que neste ato representa a defensora pública-geral do estado da Bahia, Firmiane Venâncio. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Neste momento, na condição de proponente desta sessão, farei uso da palavra.

O Sr. ROBINSON ALMEIDA: Meus amigos, minhas amigas, meus companheiros, minhas companheiras, para mim hoje é motivo de muita alegria realizar esta sessão especial, não só por utilizar o Plenário desta Casa Legislativa da Bahia, que representa o povo baiano, que nos conferiu a missão de representá-lo neste Parlamento, mas também por se tratar de uma homenagem aos trabalhadores e trabalhadoras em telecomunicações.

A minha história política tem uma relação com esses trabalhadores, com esse segmento, especialmente com o sindicato de telecomunicações da Bahia. A minha primeira escola de formação político-sindical foi o Sinttel. Eu estudei na Universidade Federal da Bahia, cursei Engenharia Elétrica, e, ainda na universidade, eu consegui um estágio na antiga Telebahia, que ficava no Cabula, onde agora foi construída uma escola, a escola estadual de tempo integral Mãe Stella, e nos próximos meses também vai ser inaugurado naquele espaço o maior hospital ortopédico do Brasil, que será aqui, na Bahia.

E, quando estagiário da Telebahia – isso era no início dos anos 90 – eclodiu uma greve de trabalhadores e de trabalhadoras. Eu era um estagiário que tinha as minhas atribuições de estágio curricular, orientado por um professor, e tinha que frequentar as dependências de uma empresa, cujos funcionários estavam em greve.

Eu ficava naquela contradição: como exercer minhas atividades acadêmicas – pois eu não tinha um vínculo empregatício com a empresa, eu era um estagiário, tinha uma remuneração, mas não era empregado da empresa: era um estágio curricular – e, ao mesmo tempo, como não participar e ser solidário com a luta dos trabalhadores?

Lembro de Rosalvinho, que está aqui sentado, que naquele tempo já era um militante atuante da luta dos telefônicos.

E o coração pendeu para eu entrar na greve, para participar ativamente. E deve ser um dos casos raros no Brasil: eu fui demitido do meu estágio porque participei da greve como estagiário. Aquilo foi um divisor de águas na minha vida porque, a partir daquele momento, eu tomei a decisão de colocar a minha atividade política como algo muito importante na minha vida. Eu desenvolvi as minhas atividades futuras, e até hoje é, com essa influência, com essa referência, que eu sigo.

Eu vi esse segmento dos telefônicos construir belas e lindas páginas na história do sindicalismo brasileiro e na história do sindicalismo baiano. O que nós somos hoje no Brasil é fruto desse acúmulo de lutas, de entrega, de dedicação, de vários anônimos que, no seu lugar de trabalho, no seu lugar de estudo, no seu lugar de moradia, no seu quilombo resistiram à opressão promovida pelo sistema e anunciaram que era importante construir um novo mundo, construir um lugar digno para homens e mulheres viverem.

Foi esse movimento que foi nos conectando de várias formas – seja na associação de moradores, seja nos grêmios estudantis, nas escolas, no Diretório Central dos

Estudantes, seja nas CIPAs das empresas, nos sindicatos, nos partidos políticos – e nós fomos compreendendo que não bastava apenas a luta sindical, que era importante ter uma luta política para conquistar espaços de poder na sociedade, porque são esses espaços de poder que nos ajudam a fazer transformações, compreendendo a importância de termos representantes nossos no Parlamento, para poder levar a nossa agenda, a nossa pauta e fortalecer o nosso movimento.

E o sindicalismo baiano projetou lideranças importantes. E o Sinttel também projetou outras lideranças e um destacado dirigente, Walter Pinheiro, que se tornou vereador de Salvador, se tornou deputado federal, senador da República e é, certamente, uma das grandes referências de lideranças produzidas pelo movimento sindical baiano.

Aqui, ao meu lado, nós temos também outra referência de liderança, que é o vereador Augusto Vasconcelos, oriundo do movimento sindical dos bancários, que se soma a vários outros que entenderam que era importante pegar essa tarefa, essa missão, e trazer para dentro das estruturas do estado a luta dos trabalhadores, para que a gente fortalecesse a nossa pauta.

É um mundo que mudou completamente. Eu, como recém-formado engenheiro em 90, há 33 anos... O mundo é completamente diferente do que era vivido naquele período, e vocês, trabalhadores em telecomunicações, são testemunhas diretas porque sofreram o impacto, a consequência da revolução tecnológica que mudou os hábitos e os costumes da humanidade – e não foi diferente aqui, no Brasil e na Bahia – com impacto fortíssimo nas relações de trabalho.

Naquele tempo era apenas com o telefone fixo que a sociedade se comunicava. Estavam surgindo os *call centers*, para poder fazer essa relação com o mercado e com o serviço. Todo mundo lembra daquela imagem do orelhão que estava presente na cena urbana, na cena rural, como ali era o maior avanço tecnológico produzido pela humanidade, levar telefonia fixa a um lugar ermo, popularizar, levar aos bairros. Ninguém tinha dinheiro para comprar telefone, não. Telefone era muito caro, não era pouco, não. Muito caro. Ter um telefone em casa era sinal de prosperidade. Era sinal de prosperidade. A gente usava as fichas, os pacotes que andavam no bolso, nas bolsas, para poder falar nos orelhões.

E, com o surgimento da telefonia celular móvel bem como com as mudanças tecnológicas que foram ocorrendo na década de 90, houve um ponto de inflexão muito importante no modelo brasileiro. Antes, completamente estatal, e depois, no final dos anos 90, privatizado. Então, houve uma série de privatizações do setor de telecomunicações, em todo o Brasil, e essas privatizações redesenharam o modelo de operadoras que, com o avanço do serviço, não só fornecem os serviços convencionais de telefonia, mas passam, também, a oferecer os serviços de dados que, hoje, nós temos. E o avanço da tecnologia foi extinguindo profissões e criando profissões.

Nas décadas de 80 e 90, os profissionais que trabalhavam em telecomunicações eram profissionais, em larga escala, para o trabalho externo de rede, de manutenção dos cabos – os cabistas – porque essa era a forma como os sinais eram enviados de um aparelho a outro e que se faziam as conexões. Com a telefonia celular móvel perde-se essa implantação física e passam-se a usar torres, que fazem a propagação dos sinais, conectando as pessoas em todo o mundo. E essa revolução está em curso, porque, hoje, este aparelho aqui é capaz de ser usado como telefone, como computador, como máquina fotográfica, como agência bancária, com tantas coisas que, creio, ninguém consegue

utilizar 100% dos recursos e dos aplicativos que tenha no seu celular. E essa transformação continua.

E a nossa preocupação é entender como esse avanço tecnológico pode assegurar o bem-estar da humanidade. Porque isto aqui é fruto do conhecimento acumulado da nossa civilização, de gerações e gerações que nos antecederam, foram fazendo descobertas e foram passando o seu conhecimento, e as novas gerações, em cima dessa base, vão ampliando, amplificando e transformando. Mas essa evolução tecnológica não pode substituir a nossa satisfação pessoal de existir neste planeta, porque todo mundo tem direito a uma vida digna, de poder levantar-se, ter comida em casa, fazer as três refeições por dia; todo mundo tem direito à educação de qualidade e direito de poder educar seus filhos numa escola que os preparem para enfrentar os desafios da vida, todo mundo tem direito à saúde quando precisar ser atendido, todo mundo tem direito à segurança, todo mundo tem direito ao lazer.

Então, não adianta o desenvolvimento tecnológico que exclua a humanidade dos benefícios e dessas conquistas e concentrem a riqueza em poucos, porque um mundo em que poucos têm muito e muitos não têm quase nada é um mundo sem paz, é um mundo sem harmonia, é um mundo sob tensão, é um mundo em guerra.

E essa é a missão dos trabalhadores, essa é a nossa missão existencial: nós temos que lutar pelos direitos, os direitos de cada um aqui que vende a sua força de trabalho, que sai de casa muito cedo, que pega uma jornada extenuante de trabalho, muitas vezes com os conflitos existentes na sociedade, transbordado por seu aparelho de recepção num telemarketing, que tem que administrar situações e tensões sociais e não apenas as informações necessárias para quem está lhe ligando, e, isso tudo causando, também, adoecimento das pessoas, algum tipo de transtorno psicológico em alguns, e essa não é uma sociedade sadia, porque se ao final do mês você também não é bem remunerado, se você não tem um salário capaz de suprir as suas necessidades, você vai ter uma vida com muita dificuldade para superar os obstáculos.

Então, a luta dos trabalhadores e a necessidade de um sindicato atuante continuam. O mundo mudou, mas as desigualdades sociais não mudaram. O mundo mudou, a tecnologia revolucionou, há novos hábitos e costumes, mas o modelo de concentração de renda e a injustiça ainda se mantêm os mesmos nesse sistema. Por isso é que é muito importante a existência do sindicato, das associações, dos movimentos sociais, porque são eles que protegem esse coletivo, são eles que organizam os desejos individuais, para se transformarem em um desejo coletivo.

Quero saudar aqui o suplente de deputado Bira Corôa, presente ao nosso evento, e agradecer por sua presença.

Quero falar dessa atualidade da luta nos novos tempos, com novos desafios, mas com o mesmo princípio, com os mesmos valores de buscar justiça social e buscar direitos. É por isso que eu saúdo a direção do sindicato dos telefônicos, saúdo Joselito, a quem eu também conheci nessa época, menino, dessa geração, ainda lá em Coutos, na Telebahia. Passei ontem por lá. Você, no Cabula, tinha um irmão que era lá de Coutos, André, que era uma liderança importante lá em Coutos, e a gente fazia muito movimento naquela região.

E nossa relação política e sindical é sempre de companheirismo, de solidariedade. Aqui está outro lutador, Orlando, que é também da velha guarda ali sentado. Lutador de primeira hora. E outros que foram somando na caminhada. Eu cumprimento todos na

pessoa de Diana, que é essa guerreira, que sempre esteve presente na luta dos telefônicos com esse jeito próprio dela, meigo, carinhoso, mas determinado, muito comprometido. Como não falar de Edla! Edla é um patrimônio da luta dos lesionados pelas relações de trabalho. Eu a acompanhei, desde sempre, formando as primeiras comissões para tratar do que se chamava LER lá no passado e Edla é dessa primeira geração que cuidou dessa enfermidade, dessa doença ocupacional. E o Sinttel tinha muitos trabalhadores acometidos por conta do esforço repetitivo nas ações de trabalho.

Quero registrar e cumprimentar aqui a presença de Zilmar, representando o mandato do deputado estadual Hilton Coelho.

E dizer a vocês todos que esta sessão é para homenageá-los e para reconhecer a importância de vocês na sociedade. O trabalho desenvolvido com vocês é para dizer que nós estamos juntos, nas lutas atuais e nas lutas futuras, e que vocês são motivo de orgulho para todos nós.

E que viva os trabalhadores e os trabalhadoras em telecomunicações. (Palmas)
(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Agora, nós vamos ouvir aqui as saudações da Mesa. E eu concedo a palavra à chefe do Seção de Relações do Trabalho da *Superintendência Regional do Trabalho*, Daiane Reis Santos.

Se quiser usar a tribuna, Daiane, fique à vontade.

A Sr.ª DAIANE REIS SANTOS: Bom dia a todos e todas.

(Participantes da sessão respondem: “Bom dia.”)

Perdoem-me, estou meio nervosa, pois não costumo fazer aparição dessa forma. Inicialmente, quero saudar a Mesa; o anfitrião deste evento, o deputado estadual Robinson Almeida; e os demais trabalhadores aqui presentes. Quero dizer que me sinto honrada em participar e quero agradecer o convite para compor esse dispositivo.

Meu nome é Daiane, sou servidora pública do Ministério do Trabalho e Emprego. Atuo nas relações de trabalho há 10 anos e completo, neste ano, 14 anos de serviço público. Não sou tão velha, é que eu comecei ainda menina. Tenho uma larga experiência nas relações de trabalho, porque trabalhei com isso durante todo esse período de 10 anos. E trabalhei nas relações de trabalho também como mediadora.

Hoje, estou na Superintendência Regional do Trabalho, à frente do setor de mediações, que tem por objetivo melhorar e pacificar as condições de trabalho. E a gente tem conseguido alguns êxitos nesse aspecto. Atualmente, o Ministério do Trabalho está buscando fortalecer essa parte da mediação, porque a entende como uma grande possibilidade de melhora das condições de trabalho. E, por isso, ele tem buscado isso depois do longo sucateamento que passamos nos últimos anos.

Quero parabenizar a iniciativa da realização deste evento, em nome dos trabalhadores em telecomunicações, e, também, parabenizar o Sinttel pelo seu aniversário.

Quero dizer que tenho observado que a categoria de telecomunicações é de extrema importância para a sociedade brasileira, em especial, a sociedade baiana, porque absorve grande parte dos jovens que estão em busca do primeiro emprego. É a partir dessa porta que eles entram no mercado de trabalho, principalmente as mulheres.

Mas, apesar dessa particularidade, as condições de mercado, o desemprego, a falta de capacitação, de formação, implicam nas reduções de remuneração desse setor que, por muitas vezes, é pequena, com jornada exaustiva e com muita cobrança por produtividade

no trabalho. E isso se reflete nos baixos salários que vocês recebem, o que não dignifica a importância e a relevância do trabalho de vocês.

Gostaria de pontuar também que o Sinttel tem se mostrado atuante junto ao Ministério do Trabalho e Emprego, principalmente na mediação, que é onde eu atuo, com a busca por melhores condições de trabalho daqueles que laboram nessa área, de forma muito proativa, pela solução pacífica de alguns conflitos e impasses. E, por muitas vezes, logram êxito, inclusive, durante a pandemia, que foi um momento difícil para todos.

A mediação tem se mostrado uma prática muito eficaz na construção de alternativas para a solução dos conflitos trabalhistas. Isso porque as partes acabam por se aproximar e, com isso, os resultados são frutos das possibilidades dos envolvidos, conseguindo, por vezes, atender aos anseios dos trabalhadores.

Outro ponto a se observar é que, apesar de a categoria de trabalhadores em telecomunicações ser formada, na sua maioria, de mulheres, isso não se reflete no mundo sindical. A gente não vê as mulheres na frente de lutas, nas mesas de negociações e essa é uma característica que eu observo em várias categorias, não só nessa. Mas acredito que essa deve ser uma possibilidade para ser modificada ao longo dos próximos anos. E o Sinttel tem buscado fazer isso.

Falo isso porque, com base no que a gente observa, quanto mais diverso for o olhar durante o processo negocial, mais será possível um resultado favorável ao trabalhador e mais perto das realidades.

Por fim, gostaria de pontuar que estar aqui, na condição de mulher negra, é uma felicidade e um privilégio. (Palmas) Porque, na nossa sociedade, com um racismo velado – que dizem que não existe, mas existe –, ainda é mais complexo e cruel com a questão de gênero...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

(...) e, para mim, para nós, mulheres negras, isso ainda é cada vez mais difícil e complexo, porque a nossa situação já é mais complexa e difícil. Pois, de acordo com Grada Kilomba, a condição da mulher negra é ainda pior do que a condição da mulher branca. Ela está à margem da branca e, por isso, teria duplamente um impacto negativo. Isso porque nós sofremos racismo e sexismo, por vezes, maior do que as brancas, infelizmente, então estaríamos à margem delas, seríamos o outro do outro, de acordo com Grada Kilomba.

É isso que tenho a deixar para vocês, espero que tenha contribuído com a situação de vocês aqui. Parabéns a todos! Obrigada. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Parabéns, Daiane! Lindo depoimento. Você está coberta de razão: ser mulher e ser uma mulher negra nessa sociedade racista e machista é ser uma heroína!

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Quero registrar as presenças do Sr. Gustavo Dantas Abrantes, chefe da Seção de Relações do Trabalho da Superintendência Regional do Trabalho da Bahia; da Sr.^a Jayelen Alves Ferreira, sanitarista da Sesab; do Sr. Cristozildo Gomes, presidente da Associação dos Docentes e Egressos da Fundação Visconde de Cairu (Asdec); do Sr. Antônio César Magalhães, também da Asdec; da Sr.^a Larissa Coelho Pereira, operadora de telemarketing da Tel Contact Center, do Comércio; do Sr. Luiz Henrique, líder do Colégio Estadual Pedro Paulo Marques e Marques, em São

Cristóvão, um bonito colégio; da Sr.^a Ana Cristina Pimentel, controladora administrativa da Serede; da Sr.^a Vilma Santos da Silva, assistente de cadastro e controle da Serede; da Sr.^a Daniele Brito, atendente de controle da Serede. (Palmas)

Concedo a palavra agora a outra mulher, a diretora de formação, qualificação profissional e cultura do Sinttel, Diana Damasceno Bulhosa. (Palmas)

Quero convidar para compor a Mesa o Sr. Antonio José Souza Assis, que neste ato representa o secretário da Casa Civil e deputado federal licenciado, Afonso Florence. (Palmas)

A Sr.^a DIANA DAMASCENO BULHOSA: Bom, gente, eu saúdo a Mesa e quero saudar todos os meus colegas da área de telecomunicações, o pessoal do call center e o pessoal de rede também. Muitas vezes, falam, isso é normal, que nós sempre fazemos as coisas para o call center, mas hoje essa homenagem é para todos vocês, para toda a área de telecomunicações da Bahia. Agradeço aos funcionários da empresa Contax e aos funcionários da empresa Atento.

Vim falar um pouco sobre a minha história. O Sinttel trouxe para mim não só essa área de telecomunicações, que é uma área sensacional, mas o Sinttel trouxe para mim uma área política, e hoje eu tenho a honra de fazer parte da direção do Sinttel, onde o meu mentor é o presidente Joselito Emanuel. Tenho a honra de fazer parte também da CSD, junto com o companheiro Robinson Almeida, que é o nosso deputado. É um deputado engajado com a luta do trabalhador, ele está em busca dos direitos e deveres dos trabalhadores do call center, do piso salarial; ele também engajou sobre a situação das vacinas perante o estado da Bahia, em busca das vacinas dos trabalhadores em telecomunicações. Robinson fez parte da luta do grupo prioritário do call center também.

E eu não posso deixar de falar também do vereador Augusto Vasconcelos, de cuja assessoria eu faço parte e, através de Augusto – talvez vocês aqui da Contax, de forma geral, não saibam –, nós estamos levando diversos avanços, a companheira Gleide acompanha de perto. Nós tivemos uma faixa de pedestres também que foi solicitada pelo mandato e foi cumprida na região. Gleide está sinalizando ali e eu sei que há um problema de ônibus que é para a gente resolver também, mas Augusto vai estar ciente de tudo, Gleide, não precisa ficar agoniada. E eu sou muito grata por todo esse apoio político que o Sinttel trouxe para a minha vida.

Primeiramente, eu agradeço a Deus pela oportunidade de estar aqui, pela oportunidade de conseguir que todos vocês pudessem chegar aqui a tempo; agradecer a Gustavo que está ali; ao pessoal da Tel Telemática; a Feira de Santana também, ao pessoal de Feira; (palmas) ao pessoal de Salvador; e todos os demais colegas.

Bom, gente, nós quebramos um protocolo aqui, não é, deputado? Porque, na realidade, não era para eu falar, mas eu sou muito grata também a todo o apoio do deputado Robinson Almeida, de toda sua equipe e da equipe de Augusto Vasconcelos...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

(...) também, que está presente aqui e que nos apoiou. Vamos para a frente, a luta continua. Vamos em busca da regulamentação do piso salarial, da regulamentação da nossa categoria, que é algo muito importante. (Palmas)

Vamos à luta! Um excelente evento a todos e um excelente dia, um dia iluminado! (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Muito bem, Diana. Muito obrigado pelas suas palavras, pela sua energia e pelo seu compromisso sempre com os trabalhadores e as trabalhadoras.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Concedo a palavra à superintendente da Contax, a queridinha do auditório, Renata de Souza Oliveira Matos. (Palmas)

A Sr.ª RENATA DE SOUSA OLIVEIRA MATOS: Bom dia!

(Participantes da sessão respondem: “Bom dia!”)

Saudações a todos da Mesa, ao auditório, à Contax.

A Diana falou assim: “Renata, a gente vai precisar que você fale, rapidamente, um pouquinho da sua história.” Eu não tinha me programado, mas falar da nossa história é sempre muito bacana.

Quando o deputado falou do que a gente vivenciou no passado, eu lembrei de quando eu atendia o 102. O cliente pedia alguma informação de endereço e a gente consultava para informá-lo. Gente! Hoje, se você quer ver um endereço, vai ao Google, tem a localização e você vai para onde quer, não é? Como tudo se modernizou! Como as coisas evoluíram!

Falar da minha história, eu acho que é muito bacana. Quando eu vejo que é o primeiro emprego de muita gente e, olhando para trás, lembro que foi o meu primeiro emprego, lembro que a Contax foi a minha primeira porta. E eu disse assim: “Olha, eu vou entrar aqui, mas isso não é o que eu quero para a minha vida”. Eu entrei exatamente com esse pensamento. Comecei como estagiária na Telemar, lá, em agosto de 2000, e, em dezembro, a gente mudou para Contax. Então, eu fazia faculdade em Pituáçu, saía correndo da faculdade e ia para a Fonte Nova, no Campo da Pólvora.

Era uma vida corrida, atribulada, e, cada vez que a gente falava com um cliente que reclamava de alguma situação, juntava com o procedimento, o processo, enfim, aquilo dava uma pane na cabeça da gente. E, aí, eu falava: “Não quero isso para mim”. E o “não quero isso para mim” foi fazendo com que eu fosse ficando, porque eu falava que ia buscar alguma coisa melhor, mas fui ficando e me apaixonando por aquilo que eu fazia.

Então acho que não é cargo e não é salário, necessariamente – claro, do salário todo mundo precisa, todo mundo quer e quanto mais melhor –, mas é gostar daquilo que se faz. E era isso que eu tinha em mente: tudo que eu faço, eu tenho que me propor a fazer o melhor, até para que seja prazeroso. E isso desde quando eu ainda era operadora, hoje, já virei supervisora.

Está aqui a Daisy Alice, que foi minha supervisora e, quando a gente estava conversando essa semana, dizendo que eu vinha para cá, ela fez assim: “Eu vou também”. Eu fiz: “Vamos!” E é uma pessoa por quem eu tenho o máximo respeito. Ela foi minha supervisora e hoje faz parte da minha equipe. E eu acho que não existe: “Ah, eu sou supervisora”; “Eu sou gerente”; “Eu sou superintendente”. As nossas relações são pautadas pelo respeito, independentemente de qualquer cargo.

E, com o passar do tempo, eu virei supervisora, cresci, virei coordenadora, mas não achem que tudo foi flores, porque não foi fácil, foi difícil. Era preciso conciliar eventos de família aos quais eu não ia, porque eu ia trabalhar; situações em que eu queria viajar e não podia, porque tinha que trabalhar. Mas eu tinha uma escolha: eu queria crescimento. E era

nisso que eu sempre pensava, quando havia qualquer situação da qual eu tinha que abdicar. Então virei gerente, hoje estou como superintendente...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

(...) e o que eu quero dizer para vocês – já vi que deu o tempo – é que, com tudo isso que passei ao longo desse processo de crescimento, tem coisas que eu nunca deixei de lado e que foi a Contax que me proporcionou. Eu tive minha filha, que hoje tem 16 anos; eu me casei; eu me formei; eu fiz pós-graduação. Então, o que eu quero trazer para vocês é: tudo que vocês fizerem, proponham-se a fazer da melhor forma, porque isso não faz bem apenas para a empresa, faz bem para nós, para o nosso psicológico e para o que proporcionamos ao outro. É isso. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Muito obrigado, Renata. O carinho espontâneo das pessoas já demonstra a profissional que você é. Não precisa de outro atestado, porque você já está testada e aprovada, aqui, pelo povo.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Daisy Alice Alves Santana, supervisora da Contax, quero saudar e registrar sua presença aqui; Gessica Ramalho, coordenadora da Contax; Lindimeire Neves; Jamile Santana de Oliveira; Vania Baqueiro; Indira Brito Dias; Daniel Conceição de Melo; Deive Nunes Bahia e Brian Robson Costa dos Santos. Todos da Contax. (Palmas)

Concedo a palavra, agora, ao vereador da cidade de Salvador, Augusto Vasconcelos. (Palmas)

O Sr. AUGUSTO VASCONCELOS: Oi, gente! Bom dia para todo mundo.

(Participantes da sessão respondem: “Bom dia”)

O Sr. AUGUSTO VASCONCELOS: Quero fazer uma saudação especial ao proponente desta sessão, nosso deputado estadual, Robinson Almeida, que faz um trabalho excepcional na luta pela classe trabalhadora. Eu acompanho sua atuação destacada, não só com os trabalhadores e as trabalhadoras em telecomunicações, mas também apoiando diversas outras categorias, várias pautas – sejam pautas do trabalhador rural, sejam do trabalhador urbano, Robinson Almeida está lá presente.

Para mim, é um orgulho muito grande fazer parte da Federação Brasil da Esperança, junto com ele, desse time que está ajudando a reconstruir o nosso país, tendo o presidente Lula como nossa liderança principal, neste momento de reconstrução nacional. (Palmas) Parabéns, Robinson, pela iniciativa!

Quero também parabenizar toda a direção do Sinttel. Eu sei que há vários diretores e diretoras, e, para não correr o risco de me esquecer de algum dos diretores e diretoras, quero dar um abraço especial em nosso presidente, Joselito e em nossa querida Diana, que está aqui. Saúdo Marcos Pires; Emerson; Gildomar; Orlando, essa referência histórica; Alielson, que está na Mesa com a gente. Enfim, já me esqueci, não devo ter citado todo mundo, mas sintam-se todos e todas abraçados: a diretoria e a equipe que trabalha no Sinttel, na pessoa de Marci, aqui presente. E quero agradecer mesmo todo o empenho que vocês têm dedicado para construir conosco a luta em defesa dessa categoria.

O Sinttel completou 79 anos de história, agora, em julho, e é um marco importante. Não é qualquer entidade do nosso país que consegue reunir quase 8 décadas de história, construindo a luta específica no local de trabalho, combinada com as grandes questões do país. O Sinttel é um sindicato antenado que tem buscado se modernizar, incluindo novas

pautas, novas agendas, novas perspectivas de luta. E eu tenho sido uma testemunha ocular, presente in loco, em cada local de trabalho, para a gente promover esse diálogo.

Nós vivemos um momento, como citou o deputado, de um contexto disruptivo, do ponto de vista tecnológico. As telecomunicações do passado passaram por profundas transformações e, neste momento, da tecnologia 5G, da denominada Internet das Coisas (IoT – *Internet of Things*); dos manuseios cyber físicos que permitem que coisas sejam manuseadas pela internet; da chamada revolução industrial; as telecomunicações são essenciais. Fala-se muito em inteligência artificial, e isso chega também à área em que vocês atuam, não só para...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

(...) quem atua no teleatendimento, mas também para quem atua na operação de rede, que precisa desse conhecimento tecnológico avançado.

Eu acompanho de perto diversos segmentos da categoria, como os trabalhadores da Serede – eu sei que há representação da Serede aqui também –, então, os operadores e as operadoras de rede, juntamente com quem atua no teleatendimento, vivem um contexto em que, a cada instante, surge uma tecnologia para substituir a mão de obra, como se a inteligência artificial fosse capaz de eliminar todos os postos de trabalho e baratear os custos das empresas para turbinar lucros de grandes grupos econômicos, deixando à míngua milhares de postos de trabalho, detonando as famílias e aumentando a concentração de renda.

Mas é importante registrar que, para o consumidor, para a pessoa que precisa do atendimento, nenhuma máquina e nenhuma voz robotizada irá substituir uma voz humana, (palmas) que tem a capacidade do acalento, que pode dar uma visão humanizada, que possibilita um diálogo melhor sobre um problema que a pessoa enfrenta...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

(...) seja com um banco, com uma empresa de telefonia, seja para atendimento por uma ambulância do Samu. Se uma pessoa da telecomunicação não estiver ali, não tem atendimento do Samu. Nós estamos falando, portanto, que quase tudo na vida passa pelas telecomunicações. E é fundamental que a gente valorize quem está na linha de frente.

Por isso que aqui, nesta Casa, o deputado Robinson é autor do projeto de lei do piso, e nós estamos lutando pela aprovação desse projeto, por considerarmos que é uma pauta justa. Porque vocês trabalham em empresas que têm uma boa margem de lucro, algumas, inclusive, são multinacionais que utilizam a mão de obra brasileira e que precisam dar um retorno à sociedade, valorizando essa categoria. Porque isso significa, também, que cada real depositado na conta do salário do trabalhador e da trabalhadora não vai para a especulação financeira, vai para comprar carne no açougue, para comprar um pão numa padaria, para ir ao mercadinho, à mercearia do bairro, para pegar um ônibus. Isso tudo gira a economia.

Por isso que a luta pelo piso não é uma pauta corporativa, ela se liga diretamente a algo mais abrangente, que a minha companheira Edla conhece bem, porque lidera esse processo da luta das trabalhadoras e trabalhadores que sofrem com o adoecimento desenvolvido no local de trabalho. No passado, Edla, o principal problema que atingia trabalhadores em telecomunicações se relacionava às LER/Dort: problemas de audição, problemas no punho por causa da digitação, posições ergonômicas equivocadas. Atualmente, grande parte do adoecimento é psíquico.

Síndrome do pânico, depressão e síndrome de Burnout já integram o cotidiano dos trabalhadores e das trabalhadoras em telecomunicações, por conta da pressão por metas, cada vez mais absurda. Você bate uma meta e, no mês seguinte, a meta dobra, multiplica-se, e torna-se, muitas vezes, inviável realizar o que essas grandes empresas nos propõem. (Palmas)

Eu sei que a responsabilidade não é das gestoras, diretamente, que também são pressionadas. As supervisoras, as gerentes, as pessoas que estão na linha de frente, também, são pressionadas. Talvez, sejam elas as pessoas que mais adoecem, porque elas absorvem a pressão das metas. E a equipe acaba vivendo num contexto de um *turnover* altíssimo, porque as pessoas entram para trabalhar e, muitas vezes, não aguentam o rojão ou acontece de ganhar uma remuneração melhor em outra profissão. E você não vai desenvolvendo a carreira. Isso é ruim. Isso é ruim para a empresa, porque, também, vai perdendo bons profissionais para outras áreas.

Então, o que nós estamos fazendo, neste dia de celebração e de comemoração, é reafirmar a pauta, porque a Lei da Terceirização, aprovada no Congresso Nacional, e a reforma trabalhista detonaram 117 dispositivos da CLT. Isso só foi possível ser aprovado, porque a imensa maioria do Congresso Nacional é ligada a fortes interesses econômicos.

Não podemos ser ingênuos. Enquanto classe trabalhadora, nós temos de ocupar os espaços de decisão. Os grandes grupos econômicos, inclusive, os nossos patrões das empresas de telecomunicações, têm seus candidatos, financiam as suas pautas e vão para dentro do Congresso em lobbies cada vez mais poderosos para turbinar os seus interesses. Quaisquer que sejam as questões tributárias, questões trabalhistas, questões sociais e questões ambientais, eles estão, lá, disputando a agenda.

E nós, a maioria do povo, temos de ocupar os espaços de decisão!

Por isso, a classe trabalhadora não tem o direito de deixar de discutir e pautar a política.

Que bom, minha gente, que existe algo denominado política. Se não existisse a política, as decisões seriam tomadas baseadas na lei do mais forte! E a gente tem um espaço e uma oportunidade de, numa eleição, numa audiência, numa sessão, colocar a boca no trombone ou vir a um Parlamento para falar num microfone para defender o que nós acreditamos. Fazamos disso um exercício cotidiano para termos mais parlamentares como o Robinson, comprometidos com esta pauta e que tenham preocupação genuína com a defesa dos interesses da maioria da sociedade.

Parabéns, trabalhadores e trabalhadoras em telecomunicações! (Palmas)

Contem conosco nesta linda missão de comunicar, informar e levar tecnologia, principalmente, para quem mais precisa. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Muito obrigado, querido amigo e vereador Augusto, que não nega as origens, não foge da luta e é um dos nossos representantes no Parlamento da Câmara de Vereadores de Salvador.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Quero convidar, para fazer a sua saudação, o Sr. Alielson Santos Alves, diretor do Sinttel-BA, de Feira de Santana, e representante do segmento LGBTQIA+. (Palmas)

O Sr. ALIELSON SANTOS ALVES: Bom dia a todos, todas e todes.

Estou um pouquinho nervoso. Isso é normal.

Para quem não me conhece, o meu nome é Alielson Santos Alves. É importante dizer o meu nome completo para todo mundo saber quem sou, pois sou exclusivo, sou único, sou trabalhador da Tel. Gostaria de saudar os meus companheiros da Tel e das demais empresas.

Entrei na empresa Tel, em 2013, como operador de telemarketing. Passei um processo na empresa em diversos setores. Infelizmente, são setores que se voltam a mesma coisa: operadora de telemarketing. Não tem um benefício nem maior, nem menor. Apenas rodamos a empresa para dizer que temos diversos setores, para que a empresa possa dizer: “Ah, não, ele está tendo um plano de carreira.” Isso não é a realidade. Quero saudar a Mesa e o deputado Robinson.

Eu acho que os todos aqui querem ouvir, apenas, uma coisa: quando a nossa profissão será regulamentada? Até quando vamos para as portas dos plenários, para as portas das empresas, para a rua, a fim de pedir para regulamentar a nossa profissão? Quantos abaixo-assinados o sindicato vai precisar fazer para regulamentar a profissão?

Esta é, hoje, uma profissão essencial.

Assim como na pandemia, quem lembra, quando iniciou a pandemia, nós fomos dados como serviço essencial, mas não recebemos a vacina, como serviço essencial. Trabalhamos durante toda a pandemia! O Sinttel lutou para que os trabalhadores e as trabalhadoras fossem para o home office, mesmo as empresas dizendo que não iria para home office. Batemos na mesa e dissemos que teria home office, sim.

Estou colocando pontos que sofremos na pele dia após dia. Somos o setor que menos recebe. Somos o setor que recebe o vale-alimentação de R\$ 5, que não dá para pagar nem um lanche na porta da empresa. São coisas pequenas que têm um impacto grande na vida dos trabalhadores, na vida de uma mãe de família.

Em 2015, eu fui convidado para a diretoria do Sinttel para compor a diretoria durante 4 anos. No segundo mandato da empresa, em 2019, eu fui convidado para assumir a pasta de diversidade, porque o sindicato não luta, apenas, por salários e benefícios. Lutamos, também, pela dignidade e pela liberdade de todos os trabalhadores e trabalhadoras em telecomunicação. (Palmas) Somos o setor que cresce dia após dia. Por mais que venha a robotização, somos o setor que cresce dia após dia.

Durante esta semana, tivemos um episódio da falta de energia durante 6 horas. Todo mundo presenciou o caos em que ficaram as cidades brasileiras. Imaginem se fosse o setor de telecomunicação parando por um dia? Milhões de mortes aconteceriam, como o vereador Augusto apontou, porque o Samu necessita do setor de telecomunicação, os bancos necessitam do setor de telecomunicação e todos necessitamos do serviço de telecomunicação.

Sentado ali, observei que muitos de vocês mexem o aparelho celular. Tentem fazer isso por 6 horas? Ninguém consegue, porque a gente é movido pela telecomunicação.

Então, hoje, pedimos a regulamentação do setor de telecomunicação, do setor de telemarketing, do pessoal de rede, em modo geral. Este é o nosso pedido frequentemente. Há um abaixo-assinado que está embargado. Quanto a isso, não sabemos em que pé anda. Mas, se for preciso fazer um novo, vamos fazer. Se for preciso irmos às ruas, vamos às ruas. Mas queremos a regulamentação da nossa profissão!

Quero parabenizar o Sinttel por mais 1 ano de luta na administração de Joselito, que toca a diretoria.

Saúdo Gildomar que me suporta bastante. Ele, praticamente, me convidou ao Sinttel. É ele quem, sempre, está me orientando e fazendo valer as palavras dele. Agradeço a Diana pelo convite. Foi um convite onde ela falou: “É você!” E eu estou fazendo o meu melhor.

Quero dizer a vocês o seguinte. O Sinttel, dia após dia, luta por todos os trabalhadores e trabalhadoras em telecomunicação.

Muito obrigado. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Muito obrigado a você, Alielson.

Parabéns pelos 10 anos no segmento e por consciência de classe muito grande sobre o seu papel e a sua posição, como sujeito nesta história.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Deixem-me dar uma notícia a vocês: há pautas do movimento e do sindicato; há demandas que estão no Parlamento municipal; outras, no estadual; outras, no nacional. A regulamentação da profissão é uma atribuição do Congresso Nacional. São os deputados federais que podem tomar esta decisão em relação a todas as categorias no Brasil. Esta é uma pauta nacional. Nós, na nossa esfera de atuação, vamos tomando as atitudes que são possíveis e que são da nossa competência.

Em 2019, no mandato anterior, a direção do sindicato me pediu para eu apresentar um documento que levou ao Projeto de Lei nº 23.118/2019, que institui piso salarial para os profissionais operadores do telefone, call center, telemarketing, teleatendimento e teleoperadores, no âmbito do estado da Bahia.

À época, esse projeto previa um piso salarial 30% superior ao valor do salário-mínimo. Esse projeto tramitou na Comissão de Constituição e Justiça. O relator era deputado Paulo Câmara, que não se reelegeu. Ele deu um parecer contrário, afirmando ser inconstitucional esse projeto.

Então, eu articulei com a comissão para a gente não votar aquele parecer. O intuito era segurar a matéria, porque eu não concordava com o relator e não poderia deixar de levar o exemplo, porque outros estados já tinham legislado sobre esta matéria. Quando um projeto de lei é apresentado, ao findar em 31 de dezembro do quarto ano da legislatura, se não for aprovado é, automaticamente, arquivado. Essa é a regra para todos os projetos aqui.

Como eu fui reeleito deputado, tomei a iniciativa de desarquivar e reapresentar este projeto de lei. Ele voltou a tramitar na Comissão de Constituição e Justiça. (Palmas)

Eu estou dando a informação a vocês de que está viva e presente a luta para a Bahia estabelecer um piso salarial regional para estes trabalhadores. Nós vamos articular, dentro do Parlamento, para conseguir a aprovação deste projeto.

O apoio de vocês é muito importante, porque esta é uma matéria que contraria outros interesses. Certamente, esses interesses contrariados, também, se articulam, aqui, dentro do Parlamento, para dificultar e impedir a aprovação deste projeto de lei.

Mas eu quero reafirmar o meu compromisso e a minha luta para ter melhores salários, melhor remuneração a todos os profissionais de telecomunicações, em especial, os teleoperadores, o pessoal de call center, que eu sei que precisam e merecem este aumento salarial.

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Concedo a palavra a Sr.^a Mônica Aragão, defensora pública, neste ato, representando a Dr.^a Firmiane Venâncio do Carmo Souza, defensora pública-geral da Defensoria Pública do Estado da Bahia. (Palmas)

A Sr.^a MÔNICA DE PAULA OLIVEIRA PIRES DE ARAGÃO: Bom dia! Bom dia a todas, todos e todes. Ninguém tomou café não, gente? Bom dia, gente?

Participantes da sessão: Bom dia!

A Sr.^a MÔNICA DE PAULA OLIVEIRA PIRES DE ARAGÃO: Oh, estão dizendo que não. Está vendo, deputado? Vamos providenciar um café aí.

Eu quero saudar a Mesa na pessoa do nosso deputado e amigo Robinson Almeida. Em sua pessoa, eu saúdo todos os demais. Eu não posso deixar de fazer a menção, também, ao nosso vereador Augusto Vasconcelos, parceiro nosso. Quero fazer uma saudação, também, às mulheres à Mesa.

Quero ressaltar que eu gostei muito das falas de todas as mulheres. Eu não estou com a nominata aqui. Mas é muito bacana quando a gente vê mulher ocupando este espaço de poder e este espaço na ALBA (palmas), seja na Mesa, seja no lugar que vocês representam. Eu sei que tem supervisoras e diretoras. Então, isso é muito bacana.

Eu quero, até pedir desculpa, viu, deputado, pelo atraso. Mas eu não estaria hoje aqui, pois nós estaríamos em treinamento on-line. Aliás, está tendo, na Defensoria, das 8 horas às 12 horas, um treinamento on-line. Ou seja, precisa de pessoas que trabalham em telecomunicação também, sejam pessoas que trabalham com rede, sejam pessoas para dar o suporte. Então, vemos como isso é importante.

Mas, uma vez que estavam todos lá no treinamento, então, não viria ninguém. Nós recebemos o convite. Melhor, foi a defensora pública-geral quem recebeu o convite. Por isso, eu estou trazendo o abraço da Dr.^a Firmiane Venâncio para este público tão importante que trabalha conosco.

Hoje, a Defensoria Pública emprega mais de 60 operadores de telemarketing. Então, sem vocês, a Defensoria Pública do Estado da Bahia não existiria hoje. (Palmas) Então, é emblemático que a gente esteja aqui. A gente sabe da situação. A gente sabe da luta de vocês para que haja, nacionalmente, regulamentação da profissão e, para que haja a regulamentação do piso, agora, já colocado pelo deputado. Há outras regulamentações que, com certeza, devem estar tramitando na Câmara de Vereadores de Salvador por melhores condições, tais como, horários de trabalho, dentre outras coisas.

Mas eu tinha de vir para trazer o nosso abraço.

Sabe, deputado, eu me lembro de que, durante a pandemia, se nós não tivéssemos a estrutura de telemarketing e a estrutura de atendimento dessa forma, literalmente, a Defensoria Pública teria parado. E, durante a pandemia, foi quando mais cresceu o nosso atendimento. Então teve de ser feito, realmente, um rearranjo.

A gente já sabia que isso era um caminho sem volta – como são importantes esses profissionais, o trabalho desses profissionais. Mas eu acho que foi necessário vir a pandemia para mostrar que o teletrabalho, hoje, é uma realidade em várias empresas do país, tanto públicas quanto privadas. E a gente tem de valorizar este profissional que está por trás.

Eu achei muito interessante o dado, vereador Augusto, que você trouxe sobre o adoecimento. E, realmente, já deve ter pesquisa a respeito. Eu não conheço. Mas, certamente, deve ter, porque a gente ouvia falar antigamente sobre as doenças Ler/Dort. Tinha uma tal de síndrome do túnel do carpo. Não é?

Eu sei por que, via de regra, também, os operadores de telecomunicação e de telemarketing são usuários do nosso serviço, porque a Defensoria Pública atende pessoas que ganham de zero até três salários-mínimos – ou outras pessoas em situação de vulnerabilidade, que estejam em situação de violência, seja contra mulher, seja contra o idoso, seja contra a criança e adolescente: nesses casos, não tem limitação de valor – então, nós atendemos os operadores e usuários. Eles fazem uso do serviço da Defensoria Pública. Então, além de eles trabalharem na Defensoria Pública, eles, também, são um público-alvo nosso.

Quero dizer que podem contar com a Defensoria Pública do Estado da Bahia na luta, seja nacional, seja estadual. A gente tem representação, lá, também. Nós temos o Conselho Nacional das Defensoras e Defensores Públicos-Gerais (Condege). Nós temos a Associação Nacional das Defensoras e Defensores Públicos (Anadep). Essas unidades representativas podem encampar esta luta com vocês e pode levar esta demanda.

E, no Parlamento estadual, eu estou sempre aqui, representando a Dr.^a Firmiane Venâncio.

Tenho certeza de que o deputado Robinson vai levar adiante isso aí na CCJ.

Contem com a gente para sempre e com o vereador, também.

Então, é só isso mesmo.

Esta é uma saudação.

Trago o meu abraço.

Obrigada. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Obrigado, Mônica.

Realmente, esta é uma parceira da justiça social. A Dr.^a Firmiane, agora, é a defensora-geral eleita. Ela é, também, uma figura destacada na defesa dos direitos. Certamente, essa é uma instituição parceira do sindicalismo, é parceira do movimento social e está, sempre, presente e acompanhando.

Leve o nosso abraço à Dr.^a Firmiane.

Nós desejamos muito sucesso ao mandato dela.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Antes de chamar o próximo orador, eu quero registrar as presenças de algumas pessoas e, ao mesmo tempo, solicitar as mesmas a ficarem em pé ao tempo em que forem citadas para todos identificarem os homenageados, coletivamente.

São eles: Gildomar Santos Santana, diretor de Comunicação do Sinttel-BA; Rosalvo Ferreira da Costa Filho, dirigente sindical; Sandra Helena Dias, representante sindical e técnica em telecomunicações do sindicato; Lara Helena Ferreira, representante sindical; Brás de Souza, técnico em telecomunicações do sindicato; Cláudia Gabriel de Almeida Figueiredo, representante sindical do Sinttel; Orlando Weber, velho e bravo dirigente do sindicato; Gleide Sales dos Santos, diretora do sindicato; Edla Rios, guerreira; Weider Pires Souza, psicólogo do sindicato; Luiz Alberto do Amor Divino, da velha guarda, Divino do sindicato; Marcivaldo Santos Conceição, assessor de Comunicação; Emerson Nogueira Lemos, diretor do sindicato; Marcos Pires, diretor administrativo e financeiro, o homem do dinheiro; e Joseli, coordenadora administrativa do sindicato. (Palmas)

Então, esses são os diretores e os dirigentes do sindicato, alguns dos seus trabalhadores e profissionais que ajudam esta entidade a levar a luta dos trabalhadores adiante.

Como presidente desta sessão especial, estendo a homenagem a todos os trabalhadores e trabalhadoras em telecomunicações e a vocês, dirigentes do sindicato.

Parabéns pelo trabalho! Parabéns pela missão! (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Agora, eu quero convidar, para ir à tribuna, o Sr. Joselito Emanuel Conceição Ferreira, presidente do Sinttel-BA, Sindicato dos Trabalhadores em Telecomunicações da Bahia. Ele representa todos os trabalhadores em telecomunicações. (Muitas palmas)

Com a palavra o nosso presidente Joselito.

O Sr. JOSELITO EMANUEL CONCEIÇÃO FERREIRA: Salve, salve, meu grupo! (Palmas) Salve, pessoal da Contax, Atento, Tel Contact, Serede!

Sejam bem-vindos!

Agradeço as presenças de vocês!

Saúdo os meus saudosos companheiros de Feira de Santana, que se deslocaram mais de 100 quilômetros. Agradeço, aí, ao mandato por terem disponibilizado o pessoal e o deslocamento desses companheiros e dessas companheiras. Agradeço ao mandato que disponibilizou o deslocamento dos trabalhadores e das trabalhadoras da Contax.

Em primeiro lugar, saúdo a Mesa. Se vocês não sabem, o companheiro Robinson foi o meu padrinho. Robinson, Pinheiro, Palito e Damário foram os meus padrinhos, me colocaram na diretoria do sindicato.

Então, assim, gente, o meu nome é Joselito Ferreira. Eu sou funcionário da Oi. Ingressei na Telebahia em 1985. Portanto, tenho 38 anos de Telebahia. Àquela época, nós éramos administrados. A Telebahia era uma estatal, por militares. Para vocês terem uma ideia, eu era do Departamento de Recursos Humanos. O meu chefe era oficial da Marinha portuguesa.

Naquele tempo, não tinha esquema de greve, não: era pancada. E o pessoal do sindicato – era engraçado – entrava na Telebahia escondido dentro da mala do carro. Então, Robinson entrou na mala de carro, Palito entrou na mala de carro, ambos escondidos. Nós fazíamos as atividades escondidos, dentro da Telebahia, porque era proibido dirigente sindical entrar na Telebahia. Nós entrávamos escondidos. Como eu tinha um crachá da Telebahia, não era nem dirigente, botava o pessoal dentro do meu carro. O pessoal entrava escondido na mala. Nós fazíamos discussões internas. Falávamos sobre saúde.

Então, assim, foi uma coisa que me encantou.

Naquele tempo, assim era o movimento, em plena ditadura. Os dirigentes eram pressionados fazendo atividades.

Quero, assim, saudar você, Robinson. Você é da categoria. Você falou que foi estagiário de engenharia elétrica e preferiu abrir mão do seu trabalho para participar do movimento de greve por conta da militância. Então é muito importante este resgate, Robinson, muito importante.

Também, quero agradecer ao companheiro Pinheiro, que não está presente. Mas Pinheiro, também, foi uma escola para nós do Sinttel. O companheiro Augusto Vasconcelos, companheiro que está sempre na luta do sindicato, um companheiro aguerrido, que participa. Nós, através da companheira Diana, estamos dentro do mandato,

assim como do companheiro Robinson. Então, é importante que os trabalhadores e as trabalhadoras estejam inseridos no mandato.

Saudar a companheira Daiane. Quanta luta nós tivemos! Eu quero ser, inclusive, saudoso. Ontem, eu passei, lá, na Avenida Sete, Dr. Gustavo. Lembrei daquele prédio, lá, da Delegacia Regional do Trabalho. Quantas lutas nós travamos! Como é importante a parceria entre o Sinttel e a Delegacia Regional do Trabalho. Digo assim porque eu não gosto de chamar de superintendência. Eu gosto de chamar Delegacia Regional do Trabalho. Àquele tempo, os patrões tremiam quando se chamava para uma mediação na Delegacia Regional do Trabalho.

Então as coisas mudaram. Hoje, a Delegacia Regional do Trabalho é uma parceirona nossa nas intervenções. Augusto, Robinson e Defensoria Pública, conseguimos reintegrar trabalhadores através de uma mesa de negociação. Conseguimos discutir avanços, para os trabalhadores, ao fechar determinados acordos que estavam pendentes, graças à competência da Delegacia Regional do Trabalho, nas pessoas de Dr.^a Daiane e Dr. Gustavo.

Companheira Renata, saudar você, representando os trabalhadores da Contax, é bonita a sua história dentro da empresa, sua ascensão, então, isso serve de exemplo para vocês, jovens. O que Robinson falou, muitos de vocês não tinham nem nascido, mas é importante vocês não se acomodarem, é o que nós sempre falamos nas nossas discussões com os trabalhadores e as trabalhadoras, não vamos nos acomodar, vamos crescer dentro da empresa ou procurar uma melhoria.

Companheira Rita chegou agora, foi diretora do Sinttel também, Rita Rodrigues, saudar a companheira. (Palmas) A Defensoria Pública, com a Dr.^a Mônica, agradecer à senhora, doutora, por estar conosco nessa luta. Ao companheiro Luiz, que representa o mandato do companheiro Afonso. Afonso também é um deputado federal, é um companheiro que nos ajudou bastante, continua nos ajudando.

Então, gente, eu vou fazer um breve histórico aqui, até porque é difícil falar depois de Robinson e de Augusto, mas nós sofremos um grande golpe em 1998, que foi a quebra do monopólio. A partir da quebra do monopólio, os trabalhadores perderam muito, perderam os benefícios.

Nós éramos duas empresas, a estatal Telebahia e a estatal Embratel, a quebra do monopólio fragmentou a categoria. A operadora já existia, criou-se o 206, eu estava conversando com uma companheira que, à época, em 2000, era chamada “206” e depois virou Contax, que contratou 1,2 mil estagiários de nível universitário.

E, graças à intervenção do sindicato e dos mandatos dos deputados na época, provocamos o Ministério Público do Trabalho, e todos esses 1,2 mil trabalhadores e trabalhadoras tiveram que ser integrados com a carteira assinada. Então, isso foi uma vitória, foi o primeiro sindicato a conquistar essa vitória para os trabalhadores, para as trabalhadoras.

Acabamos com o tal daquele “vale-coxinha” que vocês tinham, aquela máquina de lanche que engordava os trabalhadores e trabalhadoras. Mesmo com esse valor, os trabalhadores hoje podem escolher a sua alimentação.

Tivemos agora a vitória... A Bahia é o único estado em que a Contax quis trocar o vale-refeição dos trabalhadores por cesta básica, e nós conseguimos barrar isso graças à nossa luta, conquistamos essa vitória. (Palmas)

Então, gente, isso é o movimento sindical, isso é o Sinttel, Sinttel somos todos nós, é uma máquina, é um trem. Todos nós somos responsáveis para que esse trem caminhe e melhore as condições de trabalho, melhore as condições de salário para os trabalhadores e para as trabalhadoras.

Nós também, gente, tivemos que adequar a composição do Sinttel porque, na época, os dirigentes eram só da Telebahia e da Embratel, e tivemos que trazer os trabalhadores e as trabalhadoras de call center. Nós temos aqui Marcos Pires e Diana, que foram os primeiros dirigentes sindicais da área de teleatendimento a fazer parte da diretoria do sindicato.

Hoje 40% da diretoria do Sinttel são mulheres, nós estamos acima da cota estabelecida – não só na diretoria como também na executiva – isso é um ponto importante. Trouxemos trabalhadores e trabalhadoras jovens para que continuem com essa luta.

Algumas questões, eu vou colocar aqui para vocês entenderem que o Sinttel esteve sempre focado nas lutas. Nós passamos um período supercomplicado, foi o período da pandemia, sobre o qual o companheiro Alielson falou. Nós tivemos que fazer movimentos para que fossem fornecidas máscaras para os trabalhadores, fosse fornecido álcool para os trabalhadores, para as trabalhadoras.

O sindicato esteve presente na base, demos várias entrevistas cobrando que nós éramos área estratégica, que nós éramos serviços essenciais, que os trabalhadores e trabalhadoras mereciam que as empresas dessem, ao menos, um kit para que eles também se protegessem contra a Covid, porque a maioria dos nossos trabalhadores utiliza o transporte coletivo em massa, e eles estavam expostos.

Então, nós fizemos essa campanha, falamos do apagão que teve agora, que o Alielson falou. E se fôssemos nós das telecomunicações? Nós somos responsáveis pela comunicação do planeta. Sem a nossa mão de obra, o planeta para, e é preciso que haja valorização dessa mão de obra tão importante para a sociedade.

Nós, companheiros, companheiras e nossos parlamentares, vamos continuar engajados nessa luta, queremos o Dia Estadual dos Trabalhadores de Telecomunicações. Tem o Dia do Médico, tem o Dia do Professor, tem o Dia do Servidor Público, por que não termos nosso dia? Temos que ter o Dia do Trabalhador na área de telecomunicações.

Desde 2007, o nosso deputado falou da importância da representação, o nosso pedido, a nossa... A Bahia foi o estado que recolheu 100 mil assinaturas, vereador Augusto, pedindo a regulamentação da atividade do teleoperador: isso foi em 2007, são 16 anos parados. Está lá no Congresso Nacional, no Senado, desde 2014. Gente, isso é porque nós não temos representação, a maioria são representações das empresas.

Então, nós precisamos dessa regulamentação, para dar mais dignidade aos trabalhadores e às trabalhadoras da área, da nossa área de telecomunicações.

Para finalizar, nós tivemos algumas greves históricas, porque o sindicato também tem que falar em greve, não é gente? Nós fizemos greve geral em 1990, 5 de dezembro, fizemos greve de 14 dias, o companheiro Robinson estava lá conosco, 1990, na Telebahia, 14 dias de greve. Fizemos greve na RM, pessoal da Serede, não foi para discutir salário, foi para discutir o plano de saúde, mudança no plano de saúde, fizemos greve de 14 dias na RM, na época. Fizemos greve na Atento, onde fizemos uma passeata lá no Cabula...

(O Sr. Presidente faz soar as campanhas.)

(...) Fizemos greve na Contax, fizemos manifestações, 21 dias de greve na Tel Telemática, estava até conversando com a companheira, 21 dias de greve na Tel Telemática.

Essa é a atividade do sindicato, estar no dia a dia junto com os trabalhadores. E nós temos desafios, qual é o desafio? O desafio é manter essa categoria unida, o desafio é buscarmos melhores condições de trabalho, buscarmos melhores salários, termos a garantia de que o trabalhador e a trabalhadora vão ter ascensão na empresa, queremos isso, não estamos pedindo nada mais do que isso, gente.

O apelo que nós fazemos é que vamos continuar unidos com o sindicato, vamos continuar buscando, cobrando do sindicato, participando da movimentação do sindicato porque só com isso é que nós vamos conseguir chegar à vitória.

Para finalizar de verdade, nosso deputado, eu quero pedir uma oração ao filho do companheiro Augusto, a quem eu pedi permissão para falar sobrei isso, porque é uma questão pessoal: o filho dele está hospitalizado, então nós estamos fazendo uma corrente de oração para que ele saia do hospital, não é, Augusto? Que ele esteja com você, em breve ele estará com você, e é importante que nós continuemos – nós, do sindicato, estamos fazendo essa oração – continuemos aí porque o pequeno Pedro... Ele tem 3 meses, não é, Augusto?

(O vereador Augusto Vasconcelos se manifesta fora do microfone.)

Pois é, 35 dias, né? Então, assim, 35 dias de vida, ele precisa urgente... Ele tem problema cardíaco e, com fé em Deus, ele vai se recuperar.

Então, nobre deputado, de coração, nós, a diretoria do sindicato, gostaríamos de lhe agradecer pela sua intervenção, essa ajuda que vocês nos têm dado, ao companheiro Augusto, porque é importante que nós estejamos sempre juntos e unidos, buscando melhores condições de trabalho.

Temos esperança, acabou o período tenebroso, aqueles 6 anos do governo Temer e – desculpem-me o termo – do Satanás, do Bolsonaro: já foram embora. Então, nós precisamos retomar agora, no governo Lula, nós temos o desafio de, pelo menos, melhorar, melhorar,...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

(...) a reforma trabalhista, foi isso que impactou muito o sindicato.

Vida longa aos trabalhadores e às trabalhadoras da área de telecomunicações, vida longa aos nossos deputados, vamos à luta, gente. Um abraço. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Obrigado, Joselito, nós todos também estamos aqui na corrente pela recuperação do Pedro, esse querido filho do nosso vereador.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Eu concedo agora a palavra a Antonio José Souza Assis, coordenador de Acompanhamento de Políticas Sociais (Coaps), que neste ato representa o secretário da Casa Civil e deputado federal licenciado Afonso Florence.

O Sr. ANTONIO JOSÉ SOUZA ASSIS: Bom dia! Eu quero começar me desculpando porque eu cheguei um pouco atrasado, pois tive um problema pessoal para resolver. Quero cumprimentar a Mesa na pessoa de Joselito e de Daiane Reis, que representa as mulheres neste momento.

Quero dizer para vocês o seguinte: eu fui colega de faculdade de Robinson, a gente entrou na faculdade... Ele entrou em 1985, eu entrei em 1984, e em 1988 eu estagiava na Coelba, no DIQT, ali no Cabula, e Robinson estagiava na Telebahia já com outros colegas de faculdade, não é?

Desde aquele tempo em que ele, ainda no estágio, já se envolvia com essa luta, e a gente dizia lá naquele tempo: “Não, o Robinson não vai virar engenheiro, não”. O pessoal falava assim: “Zezé, Robinson não vai virar engenheiro, não, Robinson vai virar político”. E eu quero dizer para você, Robinson, que, graças a Deus, você virou deputado, está nos representando aqui com muito orgulho, todos os engenheiros daquela época, e está na luta, continua nas mesmas lutas que você começou, seguindo a mesma bandeira, com a mesma garra, com o mesmo sentimento de parceria. E está aí, a sua atuação no Sinttel é uma prova disso.

Há 35 anos, ou seja, mais de 60% da vida de Robinson – ele deve ter quase a minha idade, eu tenho 56 –, foi envolvido nessa luta. Então, quero dizer para você que tenho muito orgulho de ser seu amigo, ter sido seu colega, de ser seu eleitor. Que você continue com muita saúde e sempre nessa luta. Era a primeira coisa que eu queria falar.

A segunda é a seguinte: Joselito tocou numa coisa aí, numa pessoa que faz parte da minha vida também, que é Damário Dacruz, ele trabalhou comigo quando eu estava na Secom, foram os últimos anos da sua vida. Ele, todo mundo sabe, não sei se todos o conheceram, teve um câncer de pulmão e aí faleceu, era uma pessoa muito querida, foi um atuante fortíssimo na luta do Sinttel, naquele tempo, junto com Pinheiro, com Robinson e tudo mais. Ele foi uma pessoa muito importante para o Sinttel, e eu gostaria de finalizar a minha fala com um poema dele.

Mas eu vou recitar depois porque eu ainda tenho mais uma coisa para falar, que é o seguinte: naquela época, lá na Telebahia, uma vez, Levi tinha, não sei se vocês são desse tempo, muita gente com certeza é mais nova, tinha uma central telefônica em Roma, no Largo de Roma, e essa central ia ser toda reformada, ia virar uma máquina. Aí Levi falou assim para mim: “Zezé, aquele tanto de gente que hoje trabalha ali só vai precisar de um homem e o cachorro”. Eu falei: “Por que, Levi?” Ele disse: “O cachorro, para não deixar o homem entrar na central; e o homem, pra botar comida para o cachorro.”

Mas, graças a Deus, essa coisa da tecnologia também levou a outras demandas, não é? Deixou de ser o operador, que ficava lá trocando o fio e fazendo aquelas conexões para fazer a ligação, e virou o telemarketing. Hoje é uma coisa que a gente não vai conseguir nunca deixar de ter, porque eu, por exemplo, não atendo nenhuma ligação que seja de computador, eu vou até o final para falar com a pessoa, porque, para mim, é fundamental falar com a pessoa.

Então, as empresas vão se reinventando, a revolução tecnológica tira empregos de uma determinada função e coloca em outras que eu entendo até que são mais nobres porque é no contato com as pessoas que está a nobreza do relacionamento, é você falar com as pessoas, tratar, atender e tudo mais.

Eu acho que o trabalho de telemarketing é uma coisa fundamental hoje, para os tempos modernos, e vai ser fundamental sempre, sempre vai ser melhor falar com gente do que falar com máquina, sempre, sempre, sempre será.

Eu quero finalizar, antes de tocarem o sininho, com o poema de Damário Dacruz que se chama *Todo Risco*, que eu... Inclusive, esse poema está lá na parede do gabinete do deputado Robinson, quem for lá vai ver que está lá escrito.

O poema diz o seguinte, o poema se chama *Todo Risco*, de Damário Dacruz:

(Lê) “*A possibilidade
de arriscar é que nos faz homens.*

Voo perfeito

no espaço que criamos.

Ninguém decide

sobre os passos que evitamos.

Certeza

de que não somos pássaros

e que voamos.

Tristeza

de que não vamos

por medo dos caminhos.”

Damário Dacruz. (Palmas)

Muito obrigado.

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Valeu, Antonio Assis, conhecido popularmente como Zezé também.

Lembrar de Damário Dacruz é lembrar de um grande poeta baiano, uma figura extraordinária – vocês podem dar uma “googlada” aí que vocês vão ter uma referência da sua obra. Ele fixou residência em Cachoeira na última fase da sua vida, criou uma casa lá chamada Pouso da Palavra, que era um destino turístico obrigatório na cidade, e tem uma produção muito importante de fotopoemas dessa história do movimento sindical. No Dia das Mães, ele fazia um poema, no Dia dos Pais... ele retratava a luta em forma de poesia e é uma inspiração para a gente.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Eu vou aqui solicitar duas pessoas que estão no Plenário para poder utilizar a palavra, e a gente ir finalizando a nossa sessão. Então, eu quero chamar Orlando, diretor da velha guarda do sindicato, das lutas por anistia no sindicato, para fazer uma saudação.

O Sr. ORLANDO HELBER: Bom dia a todos e todas, quero saudar inicialmente a Mesa, foi bastante enriquecedor ouvir todos vocês; queria saudar o Plenário, repleto de trabalhadores, é uma alegria ter reencontrado a minha companheira Rita, que foi coordenadora do Sinttel Bahia antes de mim, lembra, Rita? Você que enfrentava os patrões nas empreiteiras, eu tinha até receio quando você estava à frente. É uma alegria vê-la aqui.

Gente, para falar um pouco do Sinttel... Eu não concluí nenhum curso acadêmico, mas, se eu fosse concluir, acho que teria feito História, porque eu adoro História. E eu me sinto à vontade aqui porque estou em meio a mandatos que apoiam o Sinttel, como os mandatos de Augusto, guerreiro que sempre tem estado nas nossas lutas; do próprio Robinson; do companheiro Hilton, que tem a companheira Zilmar representando o gabinete; temos o gabinete de Marta, por meio da companheira Rita; e deve ter outros gabinetes, também, que apoiam os nossos movimentos.

Mas eu quero falar um pouco da história desse homenageado de hoje, o Sinttel Bahia. O Sinttel Bahia foi inspiração para vários sindicatos aqui, viu, Augusto? Para o Sindae, o Sinergia, o Sindsaúde e vários estudantes como Robinson, que passaram pelo

Sinttel, várias pessoas fizeram estágio no Sinttel para entender um pouco a luta, e isso animava muito a gente.

Eu entrei na Telebahia em 1978, fui demitido em 1990, fui anistiado pela Lei nº 8.878 em 1995 e estou até hoje na empresa chamada Oi. Mas nós sempre fomos protagonistas. Quando a gente começou a perceber que os nossos coirmãos de outros estados não estavam fazendo a luta, lá na década de 80, o Sinttel-BA começou o movimento junto com o Sinttel-RJ, o Sinttel-RS e o Sinttel-MG para trazer todos os Sinttéis do Brasil para o nosso pensamento de um sindicato combativo.

E nós conseguimos reunir a maior federação na época, chamada Fitel – acho que voltou até a existir agora – saiu depois esse nome e ficou Fitratelp, mas a Fitel foi uma referência que motivou vários dirigentes sindicais, e o Sinttel Bahia sempre na frente.

Quando a gente começou a fazer as mudanças na época da privatização, novamente o Sinttel Bahia estava na frente, e foi um dos motivos que culminou com uma demissão em massa nas empresas estatais e serviços públicos no país, e o Sinttel Bahia foi um dos sindicatos que estava à frente desse movimento. Eu posso dizer que foi um dos precursores desse movimento. Então, os trabalhadores que seguiam o Sinttel, que faziam as greves, foram penalizados, e nós tivemos proporcionalmente uma das maiores demissões no governo Collor.

E fomos nós, na minha pessoa, demitido, que fomos para Brasília para uma plenária da nossa federação, a Fitel, e que criamos o movimento dos demitidos do Sistema Telebras. Esse movimento foi ampliado para o movimento de todos os trabalhadores das estatais e serviços públicos, e nós conseguimos ser recebidos pelo presidente da República, Itamar Franco, por três vezes.

Poucos movimentos conseguem chegar até o presidente da República. Os demitidos do governo Collor conseguiram chegar graças à nossa persistência, tivemos que ocupar ministérios, tivemos que ocupar a embaixada americana porque, quando Fernando Henrique assumiu o governo, falou que ia desanistiar todos nós. Fomos demitidos com alguns trabalhadores, eu era um deles, não tínhamos mais nada a perder e fomos – viu, Robinson? –, ocupamos a embaixada americana e só saímos quando o rapaz que nos atendeu lá, o militar, disse que o presidente Fernando Henrique iria receber um ofício nosso, que nós queríamos conversar com ele.

Ele não nos recebeu e ainda desanistiou todo mundo, mas nós conseguimos fazer com que Dilma Rousseff “reanistiasse” a gente. Então, a luta é dos trabalhadores, e o Sinttel Bahia sempre esteve à frente dessas lutas. Tem que ser registrado em eventos como este, tem que dar parabéns ao aniversariante, o Sinttel, que sempre foi um sindicato aguerrido, junto com vários outros. Nós fomos inspirados pelo sindicato dos bancários, Augusto, lá atrás, quando ainda era... antes de... Desde o tempo de Álvaro, que esse sindicato tem inspirado as lutas dos telefônicos através do Sinttel.

Então, eu acho que os sindicatos telefônicos são uma referência para o movimento sindical e o movimento combativo da Bahia e do Brasil. Fomos o sindicato que sempre liderou as lutas coletivas, não é, Joselito? O Sinttel Bahia sempre esteve à frente, sempre que tem uma insurgência de trabalhador contra o patrão, o Sinttel Bahia está à frente.

Não é à toa que nós, quando resolvemos sair da nossa federação para ir para outra federação, veio todo mundo atrás da gente. Hoje estamos aqui quase como carreira solo porque não concordamos com algumas atitudes de fazer conchavo com patronato.

O Sinttel Bahia continua e, com certeza, vai continuar, por meio dos novos dirigentes que estão chegando aí, a luta dos trabalhadores em defesa de todos eles. Quanto à questão do call center, o Sinttel Bahia, Joselito, você se esqueceu de falar, foi o primeiro Sinttel no Brasil a fazer um acordo coletivo com um call center. Não sei se você lembra que quando o Takao, aquele japonês que veio aqui conversar conosco, soube que nós tínhamos ganhado no Ministério Público para fazer com que todos aqueles trabalhadores que eram estagiários virassem empregados da Telebahia, nós propusemos uma greve.

O Takao saiu de São Paulo e veio falar com a gente que na Contax, já era “Contax” o nome, não se fazia greve. Vê se pode? Falou que a gente não podia colocar carro de som lá – lembram disso? – porque agora os trabalhadores eram de uma empresa e isso iria atrapalhar o serviço, a rotina dos trabalhadores. E a gente, o nosso entendimento era o de que o que estava atrapalhando a rotina dos trabalhadores era a falta de condições de trabalho, era um salário baixo – o que até hoje vem persistindo.

Nós temos que continuar na luta em defesa do Sinttel e em defesa dos trabalhadores. Viva ao trabalhador brasileiro. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Viva!
(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Convido também a diretora do Sindicato dos Trabalhadores de Telecomunicações da Bahia Gleide Sales dos Santos. (Palmas)

A Sr.ª GLEIDE SALES DOS SANTOS: Bom dia a todos. Quero saudar a Mesa, agradecendo a Robinson pela oportunidade, a Augusto e a todos da Mesa: vocês da Contax realmente... Pessoal, eu me sinto muito honrada, na verdade eu fui convidada para a presidência do sindicato por indicação dos meus colegas da Contax, naquele momento eu estava sendo reintegrada à empresa e recebi o convite do diretor Marcos Pires, que está aqui presente. Estou aqui na diretoria pelo meu histórico, eu me senti responsável por fazer por vocês o que tinha passado por mim.

Então, representar a categoria de call center, para mim, é mais do que uma obrigação, é um prazer. Eu hoje sou muito feliz por ser representante sindical, por poder atuar em defesa dos trabalhadores, brigar pelos direitos, respeito e tudo que esse Sindicato compõe, como representante sindical, por vocês. Brigamos pela regulamentação da profissão.

Quero agradecer a Augusto e a Robson pelo apoio com a faixa de pedestres. Como Diana falou, agora, para proteger vocês da insegurança local, nós estamos brigando pela retomada do ônibus na frente da Contax.

Mas, em nome da telecomunicação, que é a categoria que eu tanto amo, temos muito o que fazer ainda, viu, deputado Augusto – e todos da Casa?

Muito obrigado, em nome do Sinttel-BA, pela confiança e credibilidade depositada por vocês. Estarei sempre à disposição. Sinto-me lisonjeada em ser representada, hoje, através de Renata Matos, que está à Mesa em nome dos representantes de todos os call centers da Bahia, homenageando-os, pois é uma pessoa a quem conheço há muito tempo e sei da sua competência como gestora.

Então, eu agradeço ao Sinttel, à oportunidade também dada por Renata, pelos trabalhadores, a galera da Contax, que não me deixa (palmas), a galera da Tel, pela qual eu também tenho um carinho, Serede, (palmas), Faivitec, Daruma e todos os trabalhadores em telecomunicações: eu estou aqui por vocês.

Meu muito obrigado à Casa! Muito obrigado pela oportunidade e muito obrigado à Contax, em específico, por representar vocês com tanto carinho. (Palmas)
(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Obrigado! Muito obrigado a você, Gleide.

Vamos agora para a parte final. Quero avisar a vocês que, logo após fazermos o encerramento, haverá um coquetel e um bolinho aqui no saguão, para diminuir a ansiedade coletiva, (risos) pela proximidade do horário.

Ouvindo Orlando falar aqui, contando um pouco da história desses últimos 30, 40 anos do Sinttel, do sindicalismo dos telefônicos, eu não posso deixar de associar e estender que a história contada aqui, na verdade, é a história de luta do nosso povo, do povo brasileiro, que vem, desde de 1500, com os povos originários (palmas), que vem com a resistência dos indígenas à catequização, à transformação e à aculturação imposta pelos portugueses e europeus; que vem com a resistência do nosso povo negro, à luta permanente pela liberdade, ontem e sempre, nos quilombos.

Não posso dizer que essa luta não tem a raiz lá em Zumbi dos Palmares, que é talvez o mais notório representante dessa resistência do povo negro, que é a mesma luta de Antônio Conselheiro, um sertanejo que vislumbrou uma sociedade de homens e mulheres iguais lá no sertão de Canudos e foi massacrado pelo Exército Brasileiro, destruído, todos mortos e o terreno salgado para que nada florescesse naquele lugar.

É a luta dos que iniciaram o movimento sindical brasileiro no início do século passado, fazendo os primeiros Sindicatos, as primeiras greves, as primeiras centrais de trabalhadores, como é a luta das mulheres ao longo desse século, por igualdade de salário, por combate à violência doméstica, por combate à violência sexual, que é a luta da juventude, que é a luta dos idosos contra o preconceito, que é a luta da comunidade LGBTQIA+ por defender sua livre orientação sexual, que é a luta de todos nós.

Que o bastão da história vai passando de um para outro e, neste momento, este bastão está na nossa mão e nós temos que honrar, levar em frente, porque outras gerações precisam seguir com a caminhada, que não vai parar até que tenhamos um mundo de homens e mulheres iguais e livres de qualquer tipo de preconceito.

É por isso que nós estamos aqui, hoje, saudando os trabalhadores e os trabalhadores de telecomunicações, e eu vou me comprometer aqui com vocês a apresentar um projeto de lei, estabelecendo o 4 de julho como dia estadual dos trabalhadores e trabalhadoras de telecomunicações, e no ano que vem a gente vai fazer uma nova sessão especial, e, se Deus quiser, já com esse projeto aprovado, para estarmos aqui recarregando nossas energias, revivendo as nossas lutas e reafirmando os nossos compromissos com o futuro.

Agora, eu convido a todos para, em posição de respeito, ouvirmos a execução do Hino da Bahia, o Hino ao Dois de Julho.

(Procede-se à execução do Hino ao Dois de Julho.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Robinson Almeida): Em nome do Poder Legislativo da Bahia, agradeço a presença das autoridades civis, da imprensa, e declaro encerrada a presente sessão.

Muito obrigado a todos. (Palmas)

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.